

# *FACIES MORTIS*

Coleção centenária de máscaras de cadáveres do INMLCF

15 ABRIL / 01 MAIO

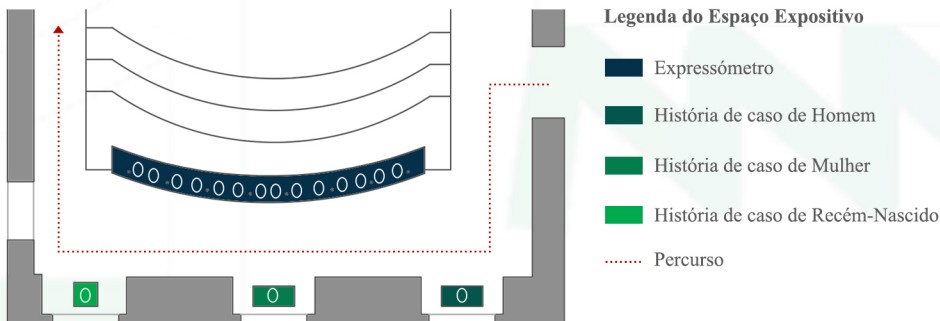
Museu da Ciência  
Universidade de Coimbra



MUSEU DA CIÊNCIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CFCUL

Centro de Filosofia das Ciências  
da Universidade de Lisboa



O Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses (INMLCF) celebra os seus 15 anos enquanto instituição de missão nacional, resultante da unificação dos Institutos de Medicina Legal de Coimbra, Lisboa e Porto. A sua história é, todavia, secular porquanto remonta à origem das morgues dessas cidades; sendo que se confunde com a própria história da Medicina Legal em Portugal, enquanto especialidade médica e enquanto ciência. E, por isso, detentor de um património vasto e muito relevante, sobre o qual se tem vindo a intervir no sentido da sua musealização. Neste enquadramento promove-se, no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, a exposição “*Facies Mortis – coleção centenária de máscaras de cadáveres do INMLCF*”, onde se exibem alguns dos seus exemplares mais brilhantes.

No seu cômputo, a coleção é composta, até à data, por 260 máscaras de cadáveres, de indivíduos de ambos os sexos, que se suicidaram por enforcamento entre os anos de 1913 e 1943. Estão, ainda, representados uma mulher e 4 crianças estranguladas. A particularidade mais significativa daquela coleção é estar exaustivamente documentada, facto que a investe de grande importância museológica e interesse cultural.



A coleção foi constituída no decorrer de um estudo efetuado pelo Prof. João de Azevedo Neves, primeiro diretor do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, que procurava confirmar uma relação causal entre a última emoção de um indivíduo antes de morrer e sua expressão facial *post mortem*. Alegadamente, a morte tranquila provocaria uma face sorridente ou inexpressiva (análoga ao indivíduo adormecido) e a morte violenta uma face de tristeza, dor ou medo. A conclusão teria, portanto, grande importância médico-legal pois permitiria deduzir sobre a causa de morte. Esta discussão consumia, aliás, a comunidade médica internacional em finais do séc. XIX, quando ainda se desconheciam os fenómenos fisiopatológicos e, sobretudo, bioquímicos da morte. Este estudo português, vem, alguns anos mais tarde, concluir que – apesar da violência das circunstâncias da morte – a significativa maioria dos cadáveres ostentavam fácies inexpressivas, como se estivessem a dormir; não confirmando, portanto, a hipótese de relação que se procurava estabelecer.

**Curadoria:** Carlos Branco, João Pinheiro

**Museologia:** Carlos Branco

**Projeto Expositivo:** Rolando Volzone

**Colaboração científica:** Fernanda Rodrigues, Francisco B. Martins, Maria Cristina de Mendonça

**Colaboração Operacional Investigação:** Manuela Marques, Rui Gonçalves

**Produção:** Museu da Ciência da Universidade de Coimbra – Gilberto Pereira, Rita Portugal

[www.inml.mj.pt](http://www.inml.mj.pt)

[www.museudaciencia.org](http://www.museudaciencia.org)